

**Ressignificação  
da herança  
afrodescendente  
na engenharia e  
na arquitetura  
de Ouro Preto**

# Entrevista com Dú Evangelista

Movimento OuTro Preto

Quem entrevista:

**Rodrigo Nogueira**

¡DALE! / UFBA, DEARQ / UFOP



DÚ EVANGELISTA

Outro Preto: Ouro com o "T" no meio. Outro Preto de Ouro Preto (cidade) patrimônio da humanidade. Território reconhecido, historicamente, pela oferta exorbitante de ouro. Oficialmente, a primeira grande mina de ouro da história ocidental.<sup>7</sup>

#### **Movimento Outro Preto**

A cidade de Ouro Preto é conhecida especialmente por ser, ainda hoje, um exemplar do período colonial português no Brasil. Foi em Ouro Preto que se ergueu uma das primeiras minas de ouro das Américas, no final do século XVII. Inicialmente foi descoberto ouro nos córregos e rios, a partir do modelo de extração conhecido como ouro de aluvião. Posteriormente, os exploradores subiram a Serra de Ouro Preto, inaugurando outras duas formas de extração aurífera, dentro das galerias subterrâneas e pelo desmonte hidráulico.

A cidade de Ouro Preto destacou-se pela riqueza aurífera e se destaca pela riqueza expressa em seu conjunto arquitetônico e urbano remanescente do período colonial – com suas ruas de pedra, casarios, palácios e igrejas. Sua "redescoberta" se deu em abril de 1924, ou seja, logo após a semana de arte moderna de 1922, pela caravana denominada Viagem de Descoberta do Brasil que contou com a liderança de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, com afã de construir uma identidade nacional brasileira. Seguidamente, a cidade foi declarada Monumento Nacional em 1933 e, em 1938, seu conjunto urbano foi tombado pelo recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Trata-se, ainda, da primeira cidade a receber o título de patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1980. A partir de então, foi construído um entendimento sobre Ouro Preto como exemplar histórico da cultura brasileira, sobretudo pela sua riqueza e beleza arquitetônica e urbanística, em especial pelas igrejas barrocas. No entanto, ao vangloriar Ouro Preto por sua riqueza colonial, exaltando suas conquistas e feitos materiais, em especial seu conjunto arquitetônico e urbanístico, ficam ocultados os horrores presentes neste período, incluindo toda a violência (física e simbólica). A escravização de pessoas trazidas do continente africano e outras



originárias das Américas foi também acompanhada da exploração predatória da natureza. Ouro Preto, por outro lado, também é símbolo das lutas e dos feitos dos povos africanos escravizados. Neste processo de construção histórica sobre os territórios colonizados, objetivando uma interpretação gloriosa da colonização em prol de uma definição de uma identidade nacional, se escondeu a perversidade da colonização, além das contribuições das populações escravizadas na formação do Brasil que conhecemos. No campo teórico, alguns pesquisadores já apontavam para a necessidade de construção de um outro olhar sobre nossa história, como o historiador africanista Alberto da Costa e Silva (2009) ao defender que a "África civilizava a América", e a historiadora Beatriz Nascimento (1974) dizendo que esta "outra" história só pode ser contada pela população negra. Esses estudos corroboram com a realidade da formação histórica de Ouro Preto: esta cidade (e sua região), só existe como a conhecemos pela riqueza do ouro descoberto e extraído pelos corpos e saberes da população oriunda da diáspora africana. O historiador negro Manuel Quirino (1918) aponta que a descoberta da "primeira folheta de ouro encontrada na margem do Rio do Funil, em Ouro Preto, coube a um preto bandeirante [...] quem quer que releia a história verá como se formou a nação, que só tem glória no africano que importou" (QUIRINO, 1918, p. 148-157).

É neste contexto de invisibilizações, tanto das violências coloniais, quanto do apagamento das contribuições dos povos escravizados e afrodescendentes, que surge, e insurge, o Coletivo OuTro Preto, a partir da Mina Du Veloso, bem como das pesquisas nos campos da engenharia, da história e da filosofia sobre o legado da população oriunda da diáspora africana para a construção de Ouro Preto e região, conforme descrito nesta entrevista ao engenheiro civil e militante social Du Evangelista. É sobre uma outra história ouro-pretana, onde se pretende tornar visíveis

e superar as violências coloniais e a importância da diáspora africana na cidade de Ouro Preto que o Coletivo OuTro Preto repousa, propondo ressignificar o passado para construir futuros possíveis.

OuTro Preto é antes do respiro, a gritante necessidade de transgressão da narrativa histórica oficial. Mais enfaticamente, a junção de forças que nos autoriza e legitima, neste instante, a atear fogo, quebrar paradigmaticamente o estatuto do escravo, que sustenta, até a atualidade, um discurso de verdade oficial que se guia por uma mentalidade racista.<sup>2</sup>

#### **Movimento OuTro Preto**

Até o ano de 2005 constava na bandeira do município de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, o dizer em latim Proetiosum tamen nigrum, que significa "precioso ainda que negro", fazendo referência ao aspecto do ouro coberto por óxido de ferro encontrado na região no final do século XVII. Tais dizeres, que perduraram na bandeira desde 1930, foram removidos como resultado da luta de atores do movimento negro da região, uma vez que a expressão à negritude era depreciativa. Este é um exemplo simbólico que as violências coloniais persistem até a atualidade, mas, como em toda a história, tais violências não passaram, e não passarão impunes. No entanto, até mesmo as lutas e vitórias da população negra ouro-pretana ainda hoje sofrem com a usurpação do protagonismo pelos que estão no poder, como contado por Du Evangelista. Ele mostra-nos que as violências não cessaram, como também não cessaram as resistências, sublinhando que o movimento negro e o Coletivo OuTro Preto são, mais do que nunca, necessários.

A cidade é nossa! vem MOVIMENTAR nosso território, por uma OUTRA Ouro Preto possível e necessária!<sup>3</sup>

#### **Movimento OuTro Preto**

O chamado acima foi feito em mais um momento de luta do coletivo para discutir os rumos da cidade, numa altura em que iria acontecer uma audiência pública para revisão do Plano Diretor de Ouro Preto. Foram diversos encontros para discutir as reivindicações, o que gerou um manifesto buscando garantir maior participação popular e um direcionamento das políticas urbanas, ambientais e de preservação do patrimônio cultural para resolução dos problemas e anseios da população negra e periférica.

Neste sentido, e partindo da compreensão de que a luta institucional também seria importante, o Coletivo OuTro Preto organizou recentemente uma candidatura coletiva para a Câmara Municipal de Ouro Preto, que contou com a participação de Du Evangelista, Sidneia Santos, Douglas Aparecido e Freda Amorim, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições do ano de 2018. Apesar de não terem sido eleitos, movimentaram a cena política ouro-pretana, apontando para as questões da negritude e da Serra de Ouro Preto, periferia da cidade, onde estão localizadas as moradias da maioria da população trabalhadora e, também, o lugar onde se situam as antigas estruturas da mineração.

É com todo este "caldo" político-cultural que esta entrevista, entende que Ouro Preto, a partir do OuTro Preto, é, sim, uma cidade africana fora da África, pois foi construída por saberes e corpos oriundos do continente africano. O que se reivindica não é só a ressignificação e valorização desta história, mas também que esta cidade seja assumida e valorizadamente preta, porque entendemos que esta, e seu ouro, também lhes foram usurpados, para além da liberdade e vidas de gerações de mulheres e homens africanos.

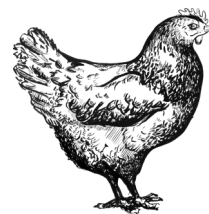
**Para iniciarmos nossa conversa, gostaria que você falasse um pouco de como surgiu o Movimento OuTro Preto.**

O Movimento OuTro Preto surgiu após a construção da Mina Du Veloso<sup>4</sup>, um espaço de visitação turística e também centro cultural, no bairro São Cristóvão. Em 2014, quando essa mina já estava em funcionamento e recebendo pessoas do mundo todo, houve um encontro de três ouro-pretanos – que no caso fui eu, Du Evangelista, a Sidnéa Santos e o Douglas Aparecido – de diferentes áreas do conhecimento: eu sou engenheiro civil, a Sidnéa é historiadora e o Douglas é filósofo. E a partir do trabalho na Mina, de revisitar o espaço da galeria, entendê-la como grande obra de arte e de engenharia, a partir de todos os conhecimentos que estão ali dentro, é que nós começamos a conceituar esse movimento, o OuTro Preto. Temos outra visão sobre os povos negros que vieram para o Brasil, que leva em consideração as capacidades e os conhecimentos que eles trouxeram da África para cá. Apesar de todo o processo desumano da escravidão, esses povos trouxeram muito conhecimento que já detinham e já praticavam em suas terras de origem. Eles vêm para cá com todo esse conhecimento e fazem essa obra fantástica de engenharia... Então, a partir do reconhecimento desse espaço, começamos a desenvolver esse conceito de OuTro Preto, dando ênfase aos legados trazidos por esses povos africanos: a importância e o

protagonismo dos povos negros, principalmente nas importantes ações de mineração, metalurgia e construção civil. Afinal, toda a cidade de Ouro Preto é construída não só com mãos negras, mas sobretudo com muitos conhecimentos africanos – como por exemplo, a técnica de usar utilizar barro como material de construção (pau-a-pique).

**Como todas as cidades de origem colonial - construída com base na escravização de populações indígenas e africanas -, Ouro Preto é marcada por um histórico de violências físicas e simbólicas. Como exemplo de violência simbólica, consta que até 2005 a bandeira da cidade carregava os dizeres Proetiosum tamen nigrum - “precioso ainda que negro” -, fazendo referência ao aspecto do ouro coberto por óxido de ferro no final do século XVII. Tais dizeres, que perduraram na bandeira desde 1930, foram removidos como resultado da luta de atores do movimento negro da região, que também denunciam a opressão e a marginalização da população negra e de seus saberes na atualidade. Quais outros exemplos de violências físicas e simbólicas ainda existem na atualidade? Como você avalia estas violências em relação à população negra de Ouro Preto?**

Apesar do último movimento dessa troca dos dizeres da bandeira, é preciso dizer que esse resultado foi impulsionado pelo movimento negro que se opôs a essa escrita, despertou para esse ponto e fez uma luta no legislativo que forçou o então prefeito Angelo Oswaldo (PMDB) a fazer essa mudança. O problema é que, hoje em dia, o Ângelo Oswaldo se apresenta como o grande realizador dessa redesignação, quando na verdade quem fez todo o trabalho, toda a movimentação e a mobilização foram as pessoas dos movimentos negros de Ouro Preto. Então, mesmo nessa troca dos dizeres da bandeira, houve uma apropriação dessa luta. Outro ponto que a gente pode ver de violência simbólica em Ouro Preto é o da identidade negra negada pelo urbanismo: se você olhar o nome das ruas da cidade, os nomes de ruas valorizando figuras negras são muito poucos, enquanto que vários escravagistas têm nomes de ruas importantes na cidade e são valorizados até hoje pelos órgãos públicos da cidade. Outro aspecto é que a população negra de Ouro Preto de hoje tem muito pouco acesso a informações sobre o legado do povo negro. Desde que lançamos a Mina Du Veloso, a gente vem lutando para reverter isso, mostrando a importância dos povos negros no nosso município, no país e no mundo, porque a diáspora africana levou conhecimentos desenvolvidos ao longo de milênios, na África, para outras partes do mundo e isso nunca é valorizado.





**Ouro Preto é uma cidade com 66,7% de população negra (IBGE<sup>5</sup>). Como estão as condições de vida dessa população negra nos dias atuais? Há heranças do período colonial?**

As condições são péssimas. Segundo os próprios dados do IBGE, mais de 25% da população da cidade, com esse grande contingente negro, vive abaixo da linha da pobreza, com menos de meio salário mínimo por mês. Essa é a herança desse período de exploração em Ouro Preto, dos negros após a abolição ficarem relegados à sua própria sorte, sem oportunidade. E como fruto, desse processo escravizador, ficou o racismo, que impede que as pessoas negras ascendam socialmente na estrutura econômica e social. Nessa grande massa de pessoas com baixos níveis econômicos, a grande maioria é a população negra. Isso é por causa da herança colonial do racismo.

**Considerando que a cidade se formou a partir da extração de ouro, tendo sido o seu conjunto arquitetônico e urbanístico representativo do período colonial tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, e foi declarada como patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1980, como você enxerga as ações institucionais de preservação do patrimônio cultural na cidade? O patrimônio que representa a diáspora africana, como se encontra nesse conjunto? Como vocês avaliam as influências da colonialidade nestas ações? Qual é a paisagem produzida pela colonialidade? Seria possível construir uma outra paisagem das cidades coloniais?**

O IPHAN é o responsável pela proteção e pela preservação do patrimônio cultural, mas não levou em consideração outros fatores para se fazer a preservação de Ouro Preto. Então a cidade sempre foi patrimonializada a partir de uma visão eurocêntrica dos processos ocorridos, aqui, na região. O IPHAN cuida especificamente para cuidar dessa "pérola barroca fora da Europa".

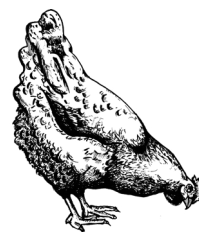
Mas, como diz o Douglas Aparecido, antes de ser uma pérola barroca fora da Europa, Ouro Preto era uma máquina africana de extrair ouro. Esse outro lado da história é muito pouco falado! O patrimônio ligado à história da mineração e à presença dos povos negros em Ouro Preto é totalmente negligenciado e abandonado. Basta ver que todas essas ações de valorização do patrimônio ligado à mineração, que são essas antigas minas de ouro abertas à visitação, são iniciativas particulares dos proprietários de terrenos – incluindo a Mina Du Veloso – para valorizar e ressignificar esses espaços para o turismo e a geração de renda, e também para recontar a história do nosso município. As ações do IPHAN em relação ao patrimônio deixado pelos povos africanos, aqui, são praticamente nulas. Por exemplo, desde 2006 foi proposto um parque no Morro da Queimada, e até

hoje quase nada foi feito. O Morro da Queimada é um trecho da Serra de Ouro Preto que ficou muito conhecido pela chamada Revolta de Felipe dos Santos – o que, aliás, é outra forma de apagar a presença africana em Ouro Preto, já que, na verdade, se tratou de uma revolta de vários negros que ocupavam esse espaço, dos quais boa parte morreu nessa queimada. Assim, Felipe dos Santos foi tido como mártir e a revolução leva seu nome até hoje, nos livros de história. O Morro da Queimada é uma parte de Ouro Preto que tem muitas estruturas ligadas à mineração e é um verdadeiro parque arqueológico, histórico e cultural. Porém, o IPHAN pouco ou nada faz para preservar essa história. Basicamente, a ação do órgão se restringe à chamada Zona de Proteção Especial (ZPE), não havendo qualquer valorização do entorno.

A paisagem construída no período colonial, simbolizada na arquitetura de casarios, na verdade, se expande por toda a serra. Várias marcas que nós temos, nas encostas da Serra de Ouro Preto, são devidas às atividades de mineração, de extração do ouro. Uma outra forma de mostrar as “cidades coloniais” – embora eu não goste desse nome – é voltar no passado antes da invasão europeia. Porque aqui haviam os Cataguases, grandes agrupamentos de pessoas viviam aqui, com uma outra cosmovisão e com uma outra forma de vida na natureza. Ficaram por aqui por milhares de anos... Essa história, que se chama de colonial, é recente.

**O Manifesto OuTro Preto, publicado no portal Terreiro de Griôs,<sup>6</sup> explica que o ponto inicial do movimento foi a descoberta dessa invisibilização da riqueza e dos saberes oriundos da diáspora africana na história oficial da colonização, os quais foram extremamente importantes para a conformação da cidade de Ouro Preto e para a construção do que chamamos de mundo moderno. Gostaria que você falasse um pouco deste tema e de como a colonialidade contribui para o apagamento das epistemologias africanas no Brasil. Ainda, se você avalia que o pensamento decolonial contribui para romper com o que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos chama de “epistemicídio”.**

O pensamento decolonial é fundamental para a gente poder desconstruir tudo que o Estado brasileiro nos impôs ao longo do tempo. Auxilia a mostrar que, antes da chegada dos invasores colonizadores, já existia conhecimento em todo esse território e que, com a vinda dos negros africanos escravizados para cá, houve também uma migração de conhecimento muito grande. O problema é que as histórias sempre são contadas pelos dominadores e vencedores. É nessa maneira de contar a história, sem destacar a importância dos outros povos, e apagando esse sujeito, que eles trataram com o escravo e a sua condição de produtor de conhecimento, que acontece o epistemicídio. Aqui mesmo, em Ouro Preto, onde todos os trabalhos foram realiza-



dos por mãos negras – todos! –, durante todo o processo de formação acadêmica nunca é falado aos estudantes da importância dos povos negros na construção da cidade. Fica parecendo que o negro só serviu como força de trabalho, não trazendo conhecimento algum...

Quando a gente começa a pesquisa na Mina Du Veloso, vai entendendo que todas as técnicas e todos os conhecimentos para extrair esse metal precioso da terra, vêm com os povos negros, que já eram detentores desse saber, a mineração, lá na África e não o perderam durante a travessia tenebrosa do Atlântico. Chegando aqui, eles vão deixar esse patrimônio escavado e esculpido em rocha, a materialidade dessa genialidade africana. No bairro de São Cristóvão, há diversos pontos onde a gente pode ver todas as estruturas da mineração que mostram a engenharia e o conhecimento para escavar aquedutos por quilômetros para transportar água por efeito da gravidade, para fazer o desmonte da encosta para poder acumular o material, para a apuração do ouro mais fino que a gente tem dentro das rochas (uma espécie de ouro em pó do qual para fazer a separação da massa mineral precisa haver um conhecimento muito grande). Todo esse conhecimento foi sendo lapidado ao longo de milênios lá na África. Isso está aqui, no nosso território, mas nunca é mostrado: é por esse epistemicídio, que tiraram do negro e dos povos indígenas as suas contribuições para nossa cultura e para nossa sobrevivência.

Como engenheiro civil, eu estudei na Escola de Minas da UFOP e, lá dentro, durante meu período de graduação, nunca fui apresentado à história dessa forma. Sempre se falava que saía muito ouro aqui de Ouro Preto, que o ouro saía dessa ou daquela forma, mas não se falava quem havia trazido essa contribuição, o conhecimento para poder lidar com um metal tão nobre e que ao longo de toda a história da humanidade fascinou e fascina o ser humano. Esse ser, que lida com o ouro, não pode ter a história contada da forma como vem sendo contada nos livros oficiais da história oficial, nos quais o negro é sempre tratado no segundo plano, como um ser inferior e sem condições de produzir conhecimento e ciência. O movimento OuTro Preto, então, tem como objetivo básico e principal, essa ressignificação, para que possamos entender que somos descendentes de pessoas que tinham conhecimentos fantásticos na engenharia e na arquitetura.

## Notas

**1** O Manifesto OuTro Preto foi acessado em 07/03/2022: <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/01/manifesto-outro-preto.html>

**2** O Manifesto OuTro Preto foi acessado em 07/03/2022: <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/01/manifesto-outro-preto.html>

**3** Manifesto do Coletivo OuTro Preto apresentado na Audiência Pública para discussão da revisão do Plano Diretor do município de Ouro Preto pode ser acessado em sua página do Instagram: [https://www.instagram.com/outro\\_preto/](https://www.instagram.com/outro_preto/)

**4** <http://minaduvuloso.com.br/>

**5** Dados extraídos do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Acessado em 12/01/2021: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>

**6** O Manifesto OuTro Preto foi acessado em 12/01/2021: <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/01/manifesto-outro-preto.html>

